

# INSTITUIÇÕES NA PROJEÇÃO DO PASSADO: O USO DA IMAGEM DE ACERVO NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

**Sílvia Maria Espírito Santo**

<http://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto  
e-mail: [silesan@usp.br](mailto:silesan@usp.br)

**Sara Louise Caroni**

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo  
e-mail: [saracaroni@hotmail.com](mailto:saracaroni@hotmail.com)

**Resumo:** O artigo discute a função social do museu enquanto espaço de educação não formal. Toma-se o ponto central das experiências obtidas com a curadoria de imagens fotográficas pertencentes aos acervos arquivísticos de museus históricos no interior de São Paulo e redimensionadas por meio de projeções em fachadas de espaços públicos. Tal experiência, desenvolvida no âmbito do projeto “Instituições na Projeção do Passado”, demonstrou fases de aplicação inovadoras no ensino e na extensão universitárias. Pretendeu-se significar a informação incorporada ao acervo da instituição museu, tomar como um espaço de educação não formal, dar visibilidade às instituições considerando a importância inserida no patrimônio cultural dos locais de ensino e preservação da memória da sociedade brasileira. Espera-se que esta iniciativa de baixo custo incentive outros profissionais e mesmo pesquisadores a pensarem e organizarem coletivamente ações que não só divulguem como ocupem estes e outros espaços culturais e educativos.

**Palavras-chave:** Museu. Patrimônio. Educação não formal. Ciência da Informação.



## 1 INTRODUÇÃO

A palavra museu tem origem na Grécia (mouseíon), referenciando-se ao Templo das musas. As musas foram geradas através da união entre Zeus, que representa o poder e a verdade, e Mnemósine, representante da memória na cultura ocidental e filha de Urano e Zaia. Pierre Nora (1984) vai mais além e recorre à genealogia dos deuses míticos para ilustrar como os museus vinculados por intermédio materno às musas (ou seja, as filhas de Mnemósine) são lugares de memória, enquanto aqueles vinculados por via paterna, fruto da intenção de Zeus, constituem lugares de poder. (CHAGAS, 2009). Assim posto compreende-se que museus são locais de memória e poder, em outras palavras, podem prezar pela memória celebrativa do poder ou movimentar-se para democratizar o poder da memória (CHAGAS, 2009).

A memória provocada pelo museu é uma construção que não permanece enclausurada nas coisas, mas sim nas relações entre os seres e as coisas. Compreende-se, então, que os museus que celebram a “memória do poder” dependem da vontade de certo segmento social, ou seja, da política destes indivíduos (LE GOFF, 1990). De outro lado, se não for organizada e dada à luz memória alguma é de fato provocada, pois depende tanto dos atos de seus agentes quanto das vontades de seus interlocutores.

A mesma interação está na base do ensino, que preserva e modifica o saber e a cultura dos indivíduos, mas só se mostra possível diante de um ato outro, uma vontade outra sem a qual não

pode existir: nota-se que o que se ensina foi outrora aprendido e é reatualizado a cada ato de ensinar engajado em movimentos de aprender. O ensino e a aprendizagem estão, portanto, entrelaçados (RIOS, 2015). Ao buscar o entendimento do papel da instituição museu na sociedade contemporânea nota-se a aproximação das ações institucionais a atos que envolvem o ensino-aprendizagem em relação aos seus usuários, o que data de fenômenos e reflexões recentes.

Remetendo-nos à história, desde o século XVIII prevalecem espaços museológicos constituídos originalmente de modo pouco democrático, onde o objetivo é manter o domínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre outros grupos reproduzindo, desta forma, as diferenças sociais em outra escala. Tais instituições defendem um modelo já arcaico onde entendem que um museu representa toda complexidade e diversidade de uma sociedade tal como ela precisa ser representada (CHAGAS, 2009).

Logo, assim como as escolas, também os museus são instituições da preservação e propagação da identidade, educação e cultura de uma nação. Desta forma acabam representando, mesmo que o neguem, as desigualdades sociais e os discursos que excluem grupos sociais minoritários em espaços de prestígio, como mulheres, negros e indígenas, atuando como instituições que exercem a função de dispositivos de poder e ostentação de riquezas da elite (SANTANA, 2016).

Datam do século XIX os primeiros estudos que refletiam a necessidade de se promover uma educação pertencente a todas as classes sociais, objetivo que interferiria diretamente nas atividades relativas aos museus. A sociedade se viu diante do ápice da filosofia “Iluminista”, que legitimava a razão, a liberdade de pensamento e a educação como procedência do progresso. O museu, além de abrigar coleções das ciências naturais, deveria, pois, difundir as mudanças alcançadas pela sociedade europeia. Assim o espaço do museu passa a desempenhar também a função de palco para a burguesia visibilizar as suas conquistas (SUANO, 1986).

Mais adiante, as exposições das invenções e dos novos maquinários para fábricas mobilizavam grande público entre a classe operária à época da Revolução Industrial, o que acirrou a discussão em torno da importância do museu no processo de educação pública. A questão do acesso ao museu passou a ser problematizada, já que os horários e valores adotados se mostravam inacessíveis à massa de trabalhadores e pessoas desabastadas. Na segunda metade do século XIX o museu também passou a refletir os problemas sociais da Europa, época em que surgem museus nacionalistas com sentimentos patrióticos. Muito já se debateu sobre modelos e mudanças referentes à arquitetura, ao ambiente, aos materiais, guias e roteiros, na relação com escolas etc., temas que gravitam ao redor da preocupação com a experiência de recepção das ideias pelo público (SUANO, 1986).

No século XX, sobretudo na Europa e nos EUA, emergiram movimentos culturais que reivindicavam cultura, educação e também a organização dos museus. Estes passaram a refletir o interesse da sociedade europeia e americana pelo meio ambiente, ecologia, agricultura e a vida cotidiana, de pessoas comuns e dotadas de identidade ainda que não figurassem em museus e vitrines, pessoas reais para além da representação de heróis e suas conquistas. Os museus chegam então às escolas, às periferias e à zona rural, exposições com pessoas especializadas passam a ser organizadas voltadas ao público mais jovem, bem como pautam-se adaptações tendo como alvo as especificidades dos visitantes com deficiência, detentos e outros públicos (SUANO,1986). Este momento histórico reflete o início do período democrático caracterizado pelas liberdades de expressão e pela garantia dos direitos humanos no pós-guerra.

Neste contexto de efervescência cultural, econômica e política, a educação não formal passou a se manifestar no cenário internacional das políticas públicas no final dos anos 1960. Constatado o cenário de resultados lentos na educação formal, tornou-se necessária a participação de outros setores da sociedade como agentes mediadores dos processos educativos comprometidos com a manutenção e gestão dos espaços não formais de educação (INFED.org, c1996; 2001). Os tratados e diretrizes surgidos na época, tais como as resoluções adotadas pela Mesa Redonda de Santiago no Chile (1972), dispõem sobre a necessidade de abrir o museu às disciplinas que não fazem parte de sua competência tradicional, com a finalidade de conscientizar o público quanto ao desenvolvimento dos saberes antropológico, socioeconômico e tecnológico (REVISTA MUSEU..., 1972).

A convergência entre museu e educação conduz ao aprimoramento contínuo dos serviços educativos nos museus, organizados especificamente para tratar da difusão de conteúdo tendo como mediador o espaço do próprio museu. Tais serviços devem estar integrados às políticas nacionais de ensino, que devem também auxiliar na difusão do conteúdo por meio de materiais audiovisuais, impressos e em suportes outros para apoio às escolas e populações rurais e/ou marginalizadas. Almeja-se que as escolas sejam incentivadas a organizar exposições com objetos do patrimônio cultural e a formar coleções, o que seria a culminância de programas contínuos de formação de professores (REVISTA MUSEU..., 1972).

No Brasil, foi após a redemocratização, na década de 1980, que se tornou objetivo essencial da educação a atenção e promoção ao ensino de ciências, o que pode ser observado a nível de políticas públicas voltadas especificamente a museus e à difusão do conhecimento científico:

Em 1983 a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) cria um novo projeto, que passa a constituir o Subprograma Educação para a Ciência (SPEC), vinculado ao Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), (GURGEL, 2002). “Nesse mesmo período surgem os primeiros museus de ciência e tecnologia com caráter dinâmico,

buscando se projetar como instituições de comunicação, educação e difusão cultural voltadas para um público amplo e diversificado” (VALENTE; CAZELLI; ALVES, 2005, p. 189).

Tais pressupostos e incentivos dão força à visão do museu como um espaço potencial da construção do conhecimento desde que, com o intuito inicial de preservar a memória, o museu se aprimore na diversificação de seu acervo e no desenvolvimento do trabalho educativo recebendo grupos de estudantes e o público em geral com o auxílio de estagiários e monitores especializados que instiguem os visitantes a refletir acerca de suas relações com o tempo e o espaço no passado, no presente e no tempo do próprio observador, questionamentos que auxiliam na construção da aprendizagem, dentre outros, do saber histórico no museu (VIEIRA; FILHO, 2009). Privilegia-se, pois, a criação de espaços para serem experienciados de diversas e inusitadas formas.

Das teorias construtivistas aplicadas ao museu pode-se verificar em Martins (2014, p.251) que a visita ao museu é uma experiência global. Fora do sistema formal de aprendizagem o museu não é apenas uma escola nem uma enciclopédia e envolve o usuário nos sentidos mais diversos.

A “experiência museal” constitui, assim, um conjunto de aprendizagens, sensações, vivências e emoções resultantes da interação do indivíduo com os objetos, os conceitos, os discursos e os espaços dos museus. Modelada pelo diálogo de três contextos fundamentais – pessoal, social e físico – propicia os meios pelos quais os indivíduos definem e constroem a experiência que permanecerá em suas memórias propiciando aprendizagens contínuas e significativas ao longo de suas vidas (SILVA, 2007).

Este breve levantamento historiográfico relativo à instituição museu buscou reconhecer o importante papel que tais instituições desempenham na formação do pensamento crítico que objetive tanto a atuação social do professor – no cumprimento do seu papel educacional – quanto a do profissional da informação engajado na defesa dos museus históricos. Assim, no Brasil os desafios e objetivos a serem alcançados pelos museus, arquivos e bibliotecas caracterizam-se ainda pelo enorme esforço demandado dos seus funcionários, geralmente isolados em repartições e acervos que nem sempre obtêm o apoio regular dos poderes públicos, embora o panorama histórico do desenvolvimento do museu contribua na relação entre instituições ao viabilizar situações para a apreciação e ressignificação de uma variedade de produtos mediados entre acervos e público.

A ênfase na importância do papel desempenhado pelo museu, e o consequente desenvolvimento de pesquisas nessa área, ressalta a sua dimensão enquanto um espaço educativo não formal. Tal movimento data da década de 1980, período em que se consolida a museologia como área de saber e campo de ação prática (KÖPTCKE; PEREIRA, 2010). Em termos de categorias de aprendizagem, nesse período concebe-se como “Educação formal” o sistema de educação hierarquicamente e cronologicamente organizado desde a escola primária até a universidade; “Educação informal” refere-se ao processo vivenciado ao longo da vida e onde cada

indivíduo obtém valores, atitudes, conhecimentos da vida cotidiana e aprendizagens educativas providas de seu núcleo familiar, do trabalho, atividades de lazer e das mídias, enquanto que a “Educação não formal” passou a ser compreendida como qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação e que pretenda servir aprendizes e possua objetivos e responsabilidades claras com a aprendizagem (INFED, 2013).

Atualmente, espera-se que o museu, enquanto agência de preservação, desenvolva funções também educativas e de caráter não formal, uma vez que:

“Patrimônio e museus desempenham um papel importante no que concerne à criação de consciências pessoais, quer no que diz respeito à construção e representação de identidades locais, regionais ou nacionais, quer em virtude do seu posicionamento enquanto instrumentos pedagógicos e ideológicos” (ANICO, 2005).

Entende-se, assim, que a intencionalidade da comunicação entre o museu e o público se dá de modo imprevisível. Ainda assim os museus têm o seu papel comunicador, pois podem provocar a intencionalidade através de suas exposições, atividades e materiais de divulgação. Este é o papel social que compete às instituições museológicas, que devem refletir as demandas educacionais da atual sociedade (VALENTE; CAZELLI; ALVES, 2005)

Convergindo com a concepção do espaço museológico como um espaço educativo não formal é que se apresenta neste artigo um dos desdobramentos do projeto de iniciação científica intitulado “Projeto para Museu-Arquivo-Biblioteca no interior de São Paulo: Instituições na Projeção do Passado” (JORNAL DA USP, 2018), que experimentou aplicar princípios singulares da relação acervo / tempo / história / aprendizado no espaço informal do Museu Histórico de Ribeirão Preto, situado no respectivo campus da Universidade de São Paulo (USP). Trata-se, especificamente, da experiência de extensão em formato de exposição pública de imagens em projeção intitulada “Fachadas do Tempo e Acervos Históricos” (ESPÍRITO SANTO, 2018), realizada ao longo do ano de 2018 no âmbito do Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Estudantes de Graduação (USP, 2016.).

## **2 METODOLOGIA**

A partir do conhecimento prévio das autoras em relação aos museus que frequentaram e às experiências que vivenciaram ao longo de suas vidas na busca por informações do passado, ancorada nas reflexões dos estudos das áreas de Museologia, Educação e Ciência da Informação empreendidas no curso de suas vidas acadêmicas, é que foi concebido e criado colaborativamente a outros autores um “Manual do Projeto para Museu-Arquivo-Biblioteca no interior de São Paulo: Instituições na Projeção do Passado” (ESPÍRITO SANTO *et al.*, 2018) fruto de comemoração ao

dia Internacional dos Museus e com o objetivo de servir de guia rápido para prefeituras, agentes culturais, educadores e outros que desejam realizar projeção de imagens de acervos como intervenção artístico-cultural embasada teoricamente. Foi com vistas a comprovar a concretude das propostas contidas no manual que se organizou a exposição pública intitulada “Fachadas do Tempo e Acervos Históricos” no município de Ribeirão Preto/SP.

Após leitura exploratória do acervo do Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto (APHRP), delimitou-se o corpus da exposição ao conjunto de 1500 fotos digitalizadas, analisadas, descritas e organizadas com permissão de funcionário responsável e à disposição para orientação no local, visto que o acesso ao acervo de imagens e outros materiais é público e gratuito (ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO DE RIBEIRÃO PRETO, [20--]).

Posteriormente, as imagens foram tabuladas com controle de numeração de registro das fotografias e classificação das imagens quanto à sua preservação, dada sua relevância como patrimônio cultural. Selecionou-se 30 imagens para compor a sequência a ser projetada publicamente. Estabeleceu-se como critério para a seleção o foco em imagens e paisagens do município de Ribeirão Preto em décadas passadas, figuras importantes, como o Cel. Schmidt, e pessoas comuns em suas vivências em meio aos reflexos econômicos desiguais, como um morador de rua pedindo esmola.

Buscou-se despertar o interesse do público a partir de “provocações” que conduzissem à elaboração de significações das imagens do passado, projetadas tais como fantasmas do período colonial deambulando em pleno século XXI, recuperando partes da construção da memória das cidades envolvidas. Exposições análogas realizaram-se simultaneamente nos municípios paulistas de Araraquara (fachada do Museu Histórico), Sertãozinho (Centro de Memória) e Mococa (Casa de Cultura Rogério Cardoso). Mostrou-se de fundamental importância o apoio na etapa de divulgação do evento por meio de matérias e clippings produzidos e difundidos principalmente pelo Jornal da USP (TASCA, 2018).

### 3 RESULTADOS

Como fruto do “Projeto para Museu-Arquivo-Biblioteca no interior de São Paulo...”, contando com o apoio da Prefeitura Universitária da USP de Ribeirão Preto nas etapas iniciais de organização e difusão, obteve-se como resultado a confecção colaborativa de manual para montagem de intervenções audiovisuais com projeção de acervo (ESPÍRITO SANTO *et al.*, 2018), além da realização da exposição “Fachadas do Tempo e Acervos Históricos” (TASCA, 2018). Institucionalmente, ancorado em referências para o estudo dos museus e de suas funções sociais, o projeto se desenvolveu durante sete meses com o objetivo de visibilizar a instituição museu e a

necessidade da preservação desses espaços na sociedade, com foco em instituições localizadas em quatro cidades do interior de São Paulo.

Na proposta de exposição almejou-se despertar nos visitantes e transeuntes a sensação de rememoração do passado a partir da exposição de imagens antigas em contraste com a arquitetura, as luzes, as roupas e os movimentos dos indivíduos nos dias atuais. O acervo público antes restrito às estantes e caixas do Arquivo é plasmado na superfície nem sempre plana das construções. O museu rompe os seus limites físicos para expor não objetos e sim imagens que provocam memórias em sujeitos que já não são apenas “espectadores inertes”, o que converge com a proposta de Silva (2007) de “[...] trabalhar o espaço educativo do museu como um espaço promotor e desencadeador do processo de construção de conhecimento, onde cada sujeito se erige como agente da sua própria aprendizagem” resultando na promoção de “públicos participantes, exigentes, críticos, informados e criativos” (SILVA, 2007).

O evento “Fachadas do Tempo e Acervos Históricos” ocorreu no dia 18 de maio de 2018, data internacionalmente reconhecida como Dia Internacional dos Museus e escolhida por se configurar como um incentivo à população para frequentar e ter contato com a história dos antepassados através dos acervos presentes em tais instituições. Assim, propôs-se o envolvimento de estudantes e comunidades diferentes através de projeções de imagens de acervos com pouco recurso. A partir da provocação de significações sobre as imagens do passado projetadas tal qual “fantasmas” é que se renovou parte das leituras possíveis sobre a construção da memória das cidades envolvidas.

Ramos (2004) faz uma crítica quanto ao papel educativo do museu limitado apenas à exposição passiva de objetos expostos. Para o autor, tais objetos devem superar as características iniciais para compor um fundamento crítico e, para além disso, sensibilizar os visitantes para uma maior interação com o ambiente. Não se trata apenas da formação de espectadores em busca da valorização de uma “cultura refinada”, primordialmente objetiva-se o crescimento de uma educação aprofundada porque envolvida com a visão crítica sobre o mundo em que vivemos e no qual devemos atuar de maneira mais reflexiva (RAMOS, 2004).

O Projeto cumpriu com o objetivo de propiciar mediações que envolveram diversos agentes culturais, estudantes, comunidades de bairros, governos dos municípios entre outros em ambientes e atividades pautadas na interatividade, conectividade e colaboração. Em Araraquara, Sertãozinho e Mococa o evento pode cumprir com o seu objetivo institucional de visibilizar as intuições Museu-Arquivo-Biblioteca. Ressalta-se que em Ribeirão Preto o resultado ultrapassou as expectativas relativas ao envolvimento dos participantes (membros de ONGs, alunos do BCID e DEDIC), que prestigiaram o evento e após as atividades previstas no planejamento deliberadamente utilizaram os seus corpos como portadores das imagens do acervo ressignificando, ainda uma vez mais e coletivamente, as imagens em exposição em um ato de [re]criação de um modelo de mediação

inovador e provocativo.

Uma vez ressurgidos como espaço de formação educacional de todos na Europa e EUA, principalmente voltado àqueles que compõem a classe operária, tais ideais alcançaram o Brasil nos anos 1930, através de estudiosos e educadores que passaram a seguir o movimento Escola Nova, que se contrapunha ao ensino tradicional vigente no século XIX e início do século XX. O escolanovismo propunha um ensino democrático para se construir uma sociedade democrática, pautando a educação como única via para se alcançar a igualdade de oportunidades sociais.

Valores democráticos pressupõem o reconhecimento da importância do respeito aos impulsos naturais da criança, além da individualidade de cada aluno (CAVALHEIRO; TEIVE, 2013). Sussekind de Mendonça já apontava nessa época a necessidade de incorporar o museu à educação regular, particularmente à educação infantil, passando a ser um local de aprendizagem significativa e não apenas de meras visitas (SUANO, 1986).

A sociedade tem passado por transformações violentas no último século, refletidas no seu desenvolvimento tecnológico. Qual é então o papel do museu nesta sociedade em mudança? O museu deveria abandonar a devoção ao que é “verdadeiro, único, belo, exótico, o culto ao passado e à nostalgia” em detrimento do desenvolvimento que se seguiu após os processos históricos, voltando-se exclusivamente ao cotidiano, ao que é familiar e comum valorizando também a maioria e não apenas uma minoria?

Discutir a função que compete à instituição museu mostra-se difícil, tendo em vista que hoje convivem uma diversidade de museus mais próximos ou distantes dos novos paradigmas propostos. Se, por um lado, não se pode reverter a moeda do privilégio e achar que se está fazendo uma grande ação à sociedade acumulando objetos que contam apenas uma versão da história idealizada, por outro deve-se ter clareza de contrastes ao mostrar os dois lados da moeda e possibilitar a compreensão do equilíbrio e do conflito que permeiam a ambos. Ainda na década de 1980, Suano (1986) propõe que o museu deve buscar organizar acervos que unam o histórico ao contemporâneo, aquilo que é considerado atual e presente no cotidiano do visitante (SUANO, 1986).

Atualmente, os museus não são apenas instituições distantes do povo, pois aos poucos foram abrindo suas portas para o público e promovendo grandes aprendizagens. No que concerne ao cenário nacional, o Ministério da Cultura (MinC) vem promovendo ações por meio do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) para que estes espaços sejam cada vez mais acessíveis e próximos de cada cidadão brasileiro assumindo, assim, as suas funções sociais de mediar, transformar, educar e preservar. O Ibram, em parceria com o MinC, desenvolveu o “Cadastro Nacional de Museus” com o objetivo de mapear e cadastrar os museus em suas diversas formas por todo o país (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011).

A partir da concepção e realização da exposição “Fachadas...” foi possível observar que a

inovação para o tratamento e a difusão do conteúdo dos acervos públicos se configura como um desejo latente nas instituições devido, sobretudo, à sobrecarga de trabalho dos profissionais e à falta de mão de obra voltada para pensar e planejar especificamente ações de mediação entre acervo e público. Tais ações geralmente se limitam a visitas monitoradas a seções frequentemente pouco atualizadas contendo objetos que abstratamente orbitam na imaginação dos visitantes sobre o passado. Nesse contexto de falta de apoio e contínuo aprimoramento voltado também a inovações tecnológicas, surge a figura do professor como maior responsável pela ponte eficaz e criativa entre museu e estudantes, por exemplo, o que tampouco se realiza na prática de docentes igualmente sobrecarregados com suas tarefas ordinárias para estudar e inovar sozinhos no planejamento das intervenções junto a seus alunos em museus.

Assim, o protagonismo do museu como mediador entre acervo e público a partir da comunicação e das ações intervencionistas da preservação do patrimônio cultural expande-se almejando que as pessoas que o acessam construam novos significados ao patrimônio e à memória presente no espaço museológico. O objeto do museu é, pois, sempre ressignificado, uma vez que não representa somente o passado, mas sim cria mediações em fragmentos idealizados do passado, estabelecendo conexões com a vida no presente.

A responsabilidade em preservar e expor o patrimônio também carrega a função de educar e comunicar, o que buscou-se ilustrar no início deste trabalho a partir da breve reflexão em torno da educação em espaços não formais de ensino-aprendizagem. Contudo, comunicar possui uma função para além da divulgação e garantia do acesso ao espaço, comunicar é também fazer o indivíduo se sentir pertencente a uma dada história, seja ela regional nacional ou mundial. Através da comunicação é possível construir uma linha de contato entre o que está dentro do museu e o que se encontra fora dele. Para isto é preciso que os envolvidos deixem de tratar o que está fora como desconhecido, como se não fossem pertencentes ao mesmo contexto cultural, visto que toda instituição está inserida em um contexto social que não deve ser desconsiderado (SANTANA, 2011).

A partir desse viés de pensamento, o museu se reflete como uma instituição que constrói sentidos para a população por meio de seus recursos como os acervos, as exposições e instalações, a relação que estabelece com a cultura, a história, a memória e as identidades. O processo de comunicação e educação deve considerar, assim, a diversidade e os conhecimentos prévios do cidadão proporcionando a apropriação destes espaços de maneira ativa. Para tal processo o diálogo entre as partes deve se mostrar libertador e ser, em essência, dialógico. Todo discurso carrega uma porção de significados e a linguagem entre o agente museológico e a comunidade que o acessa, ou mesmo a arquitetura do museu, podem facultar, dificultar ou mediar o acesso criativo aos museus e aos seus conteúdos.

Sendo assim, a preocupação deste trabalho não se limitou apenas às questões de potencialização e qualificação do acesso a este espaço constituído pelo museu e pelos arquivos públicos através de exposições e ações educativas, mas também buscou aproximar o público do fazer museológico ao longo das etapas do projeto (SANTANA, 2016).

Retomando o valor e o potencial educativo do museu tratado ao longo deste trabalho, conclui-se que é necessário romper com o que está posto como comum e habitual no que tange à inovação nos fazeres museológicos de mediação entre acervo e público. O projeto desenvolvido instigou os visitantes e promoveu tanto a “provocação cultural” almejada como parte do papel museológico quanto a importância do acervo como patrimônio dos municípios do interior de São Paulo foi ressaltada com o uso de imagens e divulgação do conteúdo do acervo do interior paulista.

A presente mediação denunciou em sua projeção a falta de recursos para preservação e o abandono dos monumentos e instituições museológicas que fazem parte do patrimônio da sociedade ao “lançar luz”, literalmente, aos seus contornos. Portanto, o projeto desdobrou-se também no sentido de provocar significações culturais ao apontar a falta de recursos para preservação dos museus das cidades e a necessidade de planejamento, gestão responsável, ações científicas e iniciativas para angariar fundos para que os museus continuem promovendo aprendizagens significativas, interação e conectividade com a memória.

Nesse sentido, convém pontuar que a denúncia no âmbito da exposição “Fachadas...” deu-se a partir da projeção da imagem de uma telha que fazia parte do telhado da sede da Fazenda Monte Alegre, em uma composição de centenas de telhas francesas do século XIX, importadas de St. Henry Etienne, que foram recentemente retiradas e prontamente descartadas durante a gestão atual da instituição Museu Histórico e do Café, de responsabilidade administrativa da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. O museu encontra-se fechado há dois anos.

A proximidade da realização do evento “Fachadas...” no campus da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto, fomentou nos presentes o sentimento de atenção e alerta à importância do museu e sua forte ligação com a trajetória do município, contribuindo com a visão de melhores gestões museológicas em integração com a Universidade de São Paulo.

Mediante os resultados alcançados pretende-se realizar novas projeções ao longo de 2019 com outras imagens coletadas no acervo, incitando o senso crítico dos usuários dos museus quanto ao sentido que se dá às imagens do acervo e do Museu Histórico de Ribeirão Preto. Espera-se que o “Manual do Projeto para Museu-Arquivo-Biblioteca no interior de São Paulo: Instituições na Projeção do Passado” seja em breve aprimorado e disponibilizado para todos para que o projeto continue resultando em bons frutos.

## REFERÊNCIAS

- ANICO, M. A pós-modernização da cultura: património e museus na contemporaneidade. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 71-86, jun. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832005000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000100005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 fev. 2019.
- CAVALHEIRO, C. B.; TEIVE, G. M. G., Movimento Escolanovista, três olhares. *In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 11., 2013. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7135\\_4344.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7135_4344.pdf). Acesso em: 05 fev. 2019.
- CHAGAS, M. S. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. **Cadernos de Sociologia**, Lisboa, v. 13, n. 13, jun. 2009. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/30>. Acesso em: 23 fev. 2018.
- ESPÍRITO SANTO, Silvia Maria do. Fachadas do tempo e acervos históricos. 2018. Disponível em: <https://www.ffclrp.usp.br/eventos/integra.php?id=3337> . Acesso em: 26 abr. 2019.
- ESPÍRITO SANTO, S. M. *et al.* **Projeto para Museu – Arquivo – Biblioteca no Interior de São Paulo**: instituições na projeção do passado. Ribeirão Preto, 2018. Disponível em: [https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/Manual-Projeto-para-Museu-Arquivo-Biblioteca-no-Interior-de-S%C3%A3o-Paulo\\_-Institui%C3%A7%C3%B5es-na-Proje%C3%A7%C3%A3o-do-Passado.pdf](https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/Manual-Projeto-para-Museu-Arquivo-Biblioteca-no-Interior-de-S%C3%A3o-Paulo_-Institui%C3%A7%C3%B5es-na-Proje%C3%A7%C3%A3o-do-Passado.pdf). Acesso em: 9 fev. 2019.
- GURGEL, C. M. A. Educação para as ciências da natureza e matemáticas no Brasil: um estudo sobre os indicadores de qualidade do SPEC (1983-1997). **Ciência e educação**, Bauru, v.8, n.2 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132002000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132002000200010). Acesso em 26 de abr. 2019.
- INFED. What is non-formal education? 23 jan. 2013. Disponível em: <https://www.printfriendly.com/p/g/dnrjAJ> . Acesso em: 26 abr. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Ibram, 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/guia-dos-museus-brasileiros/>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- JUNQUEIRA, V. Projeto da USP lembra o passado de cidades do interior paulista. **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/projeto-da-usp-lembra-o-passado-de-cidades-do-interior-paulista/> . Acesso em: 26 abr. 2019.
- KÖPTCKE, L. S.; PEREIRA, M. R. N. Museus e seus arquivos: em busca de fontes para estudar os públicos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 809-828, jul./set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17n3/14.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.
- MARTINS, J. M.P. **A educação de adultos e o desenvolvimento local no contexto de nova museologia**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra, Instituto Politécnico de Coimbra. Portugal, 2014.

RAMOS, F. R. L. **A danação do objeto**: O museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

REVISTA MUSEU: CULTURA LEVADA A SÉRIO. 1972/ICOM: **mesa-redonda de Santiago do Chile. Santiago, 1972**. Disponível em:

<https://www.revistamuseu.com.br/site/br/legislacao/museologia/3-1972-icom-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html> . Acesso em: 05 fev. 2019.

RIBEIRÃO PRETO (Município). **Arquivo Público e Histórico**. [20--]. Disponível em:

<http://www.arquivopublico.ribeiraopreto.sp.gov.br/>. Acesso em: 10 fev. 2019.

RIOS, T. A. É possível formar professores sem a Didática? *In*: Cavalcante, M. M. D. *et al.* (org.). **Didática e a prática de ensino**: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade. Fortaleza: Ed. UECE, 2015, p. 643-653. Disponível em:

[http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro4/39.%20%C3%89%20POSS%C3%8DVEL%20FORMAR%20PROFESSORES%20SEM%20A%20DID%C3%81TICA\\_.pdf](http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro4/39.%20%C3%89%20POSS%C3%8DVEL%20FORMAR%20PROFESSORES%20SEM%20A%20DID%C3%81TICA_.pdf). Acesso em: 10 fev. 2019.

SANTANA, C. B. **Para além dos muros**: por uma comunicação dialógica entre museu e entorno. Brodowski: ACAM Portinari; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2011. (Coleção Museu Aberto).

SANTANA, C. B. **De(legando) o futuro**: mediações e educomunicação nas relações entre museus e públicos. 2016. 213 f. Dissertação (Mestre em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, S. G. Públicos da cultura e serviços educativos: novos desafios? *In*: SERVIÇOS educativos na cultura. Porto: Sete Pés, 2007, p. 57. (Coleção Públicos, v. 2).

SUANO, M. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TASCA, V. Projeto da USP lembra o passado de cidades do interior paulista. **Jornal da USP**, 16 maio 2018. Cultura. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/projeto-da-usp-lembra-o-passado-de-cidades-do-interior-paulista/>. Acesso em: 9 fev. 2019.

USP. Pró-Reitoria de Graduação. PUB: programa unificado de bolsas. 17 maio 2016. Disponível em: <http://www.prg.usp.br/?p=21904> . Acesso em: 26 abr. 2019.

VALENTE, M. E.; CAZELLI, S.; ALVES, F. Museus, ciência e educação: novos desafios. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, supl., p. 183-203, 2005.

VIEIRA, M. J.; FILHO, F. I. M. C. História e memórias da “Fortaleza Antiga” no acervo do Museu da Imagem e do Som do Ceará (MIS/CE). *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA: aprender com a história?. 3., 2009. **Anais...** Ouro Preto: EDUFOP, 2009.

## **INSTITUTIONS IN THE PROJECTION OF THE PAST: THE USE OF THE IMAGE OF HOLDINGS IN NON-FORMAL EDUCATION**

**Abstract:** *The article discusses the social function of the museum as an area of non - formal education. It is the central point of the experiences obtained with the curation of photographic images belonging to the archival collections of historical museums in the interior of São Paulo and resized by means of projections on facades of public spaces. This experience, developed under the project "Institutions in the Past Projection", demonstrated innovative application phases in university teaching and extension. It was intended to mean the information incorporated into the collection of the museum institution, to take as an area of non-formal education, to give visibility to the institutions considering the importance inserted in the cultural heritage of the places of teaching and preservation of the memory of the Brazilian society. It is hoped that this low-cost initiative will encourage other professionals and even researchers to think and organize collectively actions that not only publicize how they occupy these and other cultural and educational spaces.*

**Keywords:** *Museum. Patrimony. Non-formal education. Information Science.*

*Originals recebidos em: 26/02/2019*

*Aceito para publicação em: 20/08/2019*

*Publicado em: 31/12/2019*